SIG Revista de Psicanálise v.15 n.2 (2026): Jul.-Dez.

e2911 | DOI 10.59927/sig.v15i2.264

A MATÉRIA DO TEMPO[1]

The matter of time

La materia del tiempo

Mariano Horenstein[2]

Resumo: A conferência realizada na 20ª Jornada da Sigmund Freud Associação Psicanalítica discute as transformações da angústia na contemporaneidade a partir do diálogo entre psicanálise, arte e cultura. Investiga como mudanças históricas e sociais modulam as formas de manifestação da angústia, articulando referências psicanalíticas às configurações subjetivas atuais. Ao abordar a passagem da modernidade sólida à ultramodernidade gasosa, o autor sustenta que, apesar das tentativas contemporâneas de silenciamento da angústia por meio da medicalização, do consumo e da aceleração da vida, ela permanece como elemento central da experiência humana e operador fundamental da clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Angústia. Psicanálise. Cultura contemporânea. Medicalização.

Abstract: This lecture, delivered at the 20th Conference of the Sigmund Freud Associação Psicanalítica, examines the transformations of anxiety in contemporary society through a dialogue between psychoanalysis, art, and culture. It explores how historical and social changes shape the ways anxiety is manifested, linking psychoanalytic concepts to contemporary forms of subjectivity. By addressing the transition from solid modernity to gaseous ultramodernity, the author argues that, despite contemporary attempts to silence anxiety through medicalization, consumerism, and the acceleration of life, anxiety remains a central element of human experience and a fundamental organizing principle of psychoanalytic clinical practice.

Keywords: Anxiety. Psychoanalysis. Contemporary culture. Medicalization.

Resumen: La conferencia realizada en la 20.ª Jornada de la Sigmund Freud Associação Psicanalítica analiza las transformaciones de la angustia en la contemporaneidad a partir del diálogo entre el psicoanálisis, el arte y la cultura. La exposición investiga cómo los cambios históricos y sociales modulan las formas de manifestación de la angustia, articulando referencias psicoanalíticas con las configuraciones subjetivas actuales. Al abordar el paso de la modernidad sólida a la ultramodernidad gaseosa, el autor sostiene que, a pesar de los intentos contemporáneos de silenciar la angustia mediante la medicalización, el consumo y la aceleración de la vida, esta permanece como un elemento central de la experiencia humana y un operador fundamental de la clínica psicoanalítica.

Palabras clave: Angustia. Psicoanálisis. Cultura contemporánea. Medicalización.

---

[1] Conferência realizada na 20ª Jornada da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

[2] Psicanalista argentino, membro da Asociación Psicoanalítica de Córdoba e da Federação Psicanalítica Latino-Americana. Foi representante latino-americano no Conselho da Associação Psicanalítica Internacional e editor-chefe da *Calibán — Revista Latino-Americana de Psicanálise*. É autor de diversos livros e recebeu importantes distinções por sua produção. Atua como professor e conferencista em instituições psicanalíticas, museus e universidades nas Américas, Europa e Ásia. ORCID: 0009-0007-2991-9482. E-mail: mmhorenstein@gmail.com

I

Nesta altura da jornada, após dois dias intensos, não vou me alongar sobre as abordagens conceituais da angústia. Tentei descobrir o que queria dizer enquanto escrevia estas notas, pois não sabia no início. Meu trabalho se torna mais interessante quando — como em uma análise — não se sabe o que vai acontecer, quando deixamos que o imprevisível encontre um lugar em cada conversa.

Assim, cada análise, bem conduzida, torna-se um romance de mistério. Às vezes, para desvendar um mistério. Outras vezes, para inventar um mistério. Até alguns dias atrás, eu não sabia o que iria dizer a vocês. Tinha apenas um título — "A matéria do tempo" — que, na verdade, mencionei sem pensar muito, quando começou a divulgação da jornada. Costuma acontecer comigo, quando me pedem um título para uma palestra futura, que eu não tenha como saber sobre o que vou falar, pois só perto de falar, ou às vezes até mesmo enquanto falo, é que descubro. Mas, uma vez que digo um título, ele funciona como um farol, uma restrição autoimposta, e me obriga a entender por que me ocorreu esse título em um encontro sobre a angústia. Então, associei duas coisas.

A Matéria do Tempo é o título de uma instalação de Richard Serra, que está em exposição permanente em Bilbao, no Guggenheim. Ela ocupa uma sala enorme e, se a poesia fosse escrita com aço corten — aquele ferro pesado, com ferrugem alaranjada e resistente tanto ao trabalho do escultor quanto ao tempo —, seria um poema que se pode percorrer, habitar.

Há ali uma concepção espacial — e nós, psicanalistas, inventamos e somos anfitriões de um espaço heterotópico com regras particulares — e também temporal, pois trata-se de uma instalação que se percorre, se atravessa. Eu a vi um dia — sozinho, em silêncio, numa espécie de cerimônia secreta — percorrendo por dentro das diferentes instalações que pareciam figuras topológicas.

A psicanálise, ao se difundir, perdeu parte de seu mistério, e isso, para mim, é um problema. Por isso volto à arte uma e outra vez, porque os artistas, além de se anteciparem aos analistas, são os melhores criadores de mistério que conheço. Freud falou da angústia como um enigma. Mas tenho a impressão de que isso mudou. Ou ela não existe, ou todos acreditam saber do que se trata. Nosso trabalho é transformar em enigma o que aparece como um deserto nas formas subjetivas da contemporaneidade. Transformá-lo em uma pergunta que deverá encarnar-se, se tivermos sorte, na figura do analista, naquele espaço de análise onde tentamos colocar a angústia para trabalhar.

O psicanalista tem sido imaginado como uma espécie de detetive, alguém que rastreia e resolve enigmas; mas, ao mesmo tempo, é uma espécie de oráculo, que formula e encarna uma resposta a esses enigmas que quem se analisa — o verdadeiro detetive — deve descobrir por si mesmo por meio da transferência. Essa figura oracular à qual se atribuem as chaves do mistério é o que Lacan chamou de Sujeito Suposto Saber.

Outra coisa que associei depois de ter proposto o título é que, sem saber conscientemente, A matéria do tempo era a contraparte exata do espírito do tempo, o zeitgeist. Zeitgeist é o clima da época, aquilo que precisamos detectar para que o que nós, psicanalistas, dizemos ressoe em alguém, para não nos tornarmos antiquados, mas, no máximo, anacrônicos, o que é outra coisa.

O aniversário de *Sig* coincide com o de *Inibição, sintoma e angústia*, claro. Mas por que escolher a angústia, e não a inibição ou o sintoma? É sempre fecunda a abordagem tripla que desbasta o imaginário, o simbólico e o real em cada fenômeno, que se entrelaçam. O simbólico prevalece no sintoma e o imaginário se torna visível nas inibições; então, talvez, dessa tríade, o que mais manifesta esse registro escorregadio, indizível, do Real seja a angústia.

Diante do vaporoso, o *Geist* de *Zeitgeist*, a angústia oferece uma materialidade dura, resistente, com esse assento facilmente identificável no corpo, incontrolável como o aço da instalação de Richard Serra. A angústia — esse afeto que não engana, dizia Lacan; esse

afeto-bússola na tarefa clínica, quer afete o analisante, quer o analista — torna presente uma materialidade — do corpo, e de uma vida perecível — que os jogos de espelhos do ideal e a infinita cadeia de sentido do sintoma ocultam, velam. A angústia é uma das vicissitudes da matéria humana. Permitam-me fazer alguns desvios para abordá-la, para tentar apreender a maneira como ela muta com o tempo.

II

No ano seguinte à publicação de *Inibição, sintoma e angústia*, não muito longe de Viena, em Bruxelas, as mentes mais brilhantes da época reuniram-se em uma das chamadas conferências Solvay, a mais célebre de todas. Dos vinte e nove cientistas da foto, dezessete receberam o Prêmio Nobel. Lá foram discutidas as bases de uma nova maneira de compreender o mundo, além do nível macroscópico que havia sido decifrado pela física clássica, newtoniana. O mundo subatômico, o das partículas elementares, levava à suspeita de que eram outras leis que governavam o universo.

Enquanto Freud havia sido capaz de descentrar o mundo das evidências psíquicas, cientistas como Einstein, Bohr e Heisenberg faziam explodir o mundo das evidências físicas. O espírito e a matéria da época explodiam, e qualquer um que tivesse sido capaz de acompanhar as consequências de seus raciocínios teria enfrentado a angústia que implicava o desmoronamento de todas as certezas. O mundo inteiro deixava de ser sólido, real e previsível como antes. A teoria da relatividade, o princípio da incerteza e a mecânica quântica faziam em pedaços uma determinada maneira de entender as coisas. Aqui também, como no reino do inconsciente, algo podia ser e não ser ao mesmo tempo; abria-se o caminho para pensar em realidades paralelas, e o acaso prevalecia sobre a determinação.

Eu poderia descrever aquele momento com uma frase de Marx que, na verdade, descreve este momento. Cem anos depois, a maneira como o mundo se revelou naquela época ainda é inovadora. Em Bruxelas, naquele ano, *tudo o que era sólido começou a se dissipar no ar*. Parece-me — numa leitura *retrospectiva*, a posteriori — que foi ali que se gestaram as bases da *ultramodernidade* gasosa em que hoje vivemos de forma evidente, e que implica novas configurações da angústia. Reparem em quando: na Europa, em 1926, em plena modernidade sólida. A mesma época da invenção da psicanálise e da descoberta do inconsciente freudiano.

Após a modernidade sólida, surgiria a chamada *pós-modernidade*, a *modernidade líquida* de que falava Zygmunt Bauman, na qual tudo — desde os laços até o modo de configuração das famílias, do trabalho ou do amor — se tornaria líquido, viscoso, *liquidando* assim uma certa maneira de entender o mundo. Hoje fomos além, e, nesse ir além, voltamos de repente cem anos atrás. Algo que ligava nosso modo de viver e de nos relacionarmos está se evaporando. Já não há grandes narrativas que nos sustentem, como foram a religião ou o marxismo; já não se confia nas palavras — de fato, a cada ano que passa, as pessoas, sobretudo em sociedades tecnologicamente avançadas, utilizam cada vez menos palavras para se relacionar —; a taxa de natalidade, em geral, cai em todo o mundo; um certo consenso em deixar para trás a Catástrofe está hoje em questão; a democracia como o menos pior dos sistemas de convivência parece cada vez menos um valor; e ressurgem lideranças autocráticas em todos os lugares.

Há dez anos, o mundo parecia enfadonho — pouco interessante, nos termos da velha maldição chinesa —, e uma pandemia que nos confinasse a todos em casa era inimaginável, assim como uma nova guerra de baixa intensidade, que talvez já tenha inaugurado a terceira edição de um confronto mundial.

Tudo explode em pedaços, e o que prevalece é a perplexidade e a falta de garantias, sempre fontes de angústia, quando não de atordoamento, e o embrutecimento de gerações que parecem não querer pagar o preço do mal-estar que a neurose, mas também o desejo, implicam.

III

Permitam-me percorrer linearmente o caminho que acabei de mencionar de forma retroativa, aquele que vai da modernidade sólida, passando pela pós-modernidade líquida, até a ultramodernidade gasosa em que vivemos hoje. Farei isso com a ajuda de algumas imagens. Mas antes quero destacar o que estrutura o que lhes conto: o tempo. Na psicanálise, o tempo surge de muitas maneiras. Vou isolar apenas três:

A forma mais negligenciada de pensar o tempo, e ao mesmo tempo a mais original, é a *Nachträglichkeit* freudiana. Essa temporalidade retroativa está muito presente em algumas línguas, como o mandarim, por exemplo, onde não se sabe o que uma frase significa até que a última palavra seja dita, mas que, na verdade, atravessa toda a experiência humana: o que vem depois muda o que aconteceu antes. O tempo na psicanálise é maleável. Borges poderia estar nos descrevendo quando, explorando aquele outro mundo que é Tlön — tão parecido com o universo quântico —, dizia que ali se "permitiam interrogar e até modificar o passado, que agora não é menos plástico e menos dócil que o futuro".

Como diz aquele verso iorubá: *Exú matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje.* O hoje modifica o ontem; o futuro altera o passado, que se transforma. Por isso a psicanálise é capaz de certa magia: não apenas modifica o futuro, trabalhando sobre o destino de cada paciente para que este esteja menos preso, menos alienado por sua história, mas também modifica seu passado, ao alterar a forma de interpretá-lo.

Jean Grosjean disse isso em uma frase fabulosa: "o passado é imprevisível".

Outra forma como o tempo se manifesta é, como apontei, enquanto zeitgeist: a época nos determina. Como dizia Marcelo Viñar: somos mais filhos de nossa época do que de nossos pais. E é preciso entender como a época — aquilo que denominei de ultramodernidade gasosa — molda, modula as formas da angústia.

Outra das formas em que nos deparamos com a matéria do tempo surge por omissão, quando negamos a passagem do tempo, algo que os obsessivos fazem melhor do que ninguém. Uma das formas fundamentais da angústia é aquela suscitada pelo tempo e sua passagem, a ampulheta que vai esvaziando, quando não se rompe de repente seu vidro, como os existencialistas bem sabiam. Isso sim não é maleável: a angústia radical, a angústia diante da morte.

Vocês sabem, imagino, o que é um memento mori, o alerta contra a imaginária vanitas. Quando, na Roma Antiga, um general desfilava vitorioso, um escravo atrás dele sussurrava-lhe uma frase enigmática: memento mori, lembra-te de que morrerás. Ele lhe lembrava a sua mortalidade no momento de maior tentação narcisista.

Poderíamos pensar: por que é preciso lembrar da morte? Por que os artistas, esses sensores privilegiados do zeitgeist, revisitam, de uma forma ou de outra, em cada época, essa imagem?

Porque a negamos sempre que podemos, é claro.

Pensemos na tríade freudiana de um século atrás — inibição, sintoma, angústia — em relação à sexualidade ou à morte, esses grandes configuradores do relato e do dispositivo analíticos, os grandes condensadores e suscitadores de angústia. É claro que, em mais de um século, tanto as formas quanto a experiência, tanto da sexualidade quanto da morte, sofreram mutações. Voltemos à *vanitas*.

Esta é a imagem icônica, *Os Embaixadores*, de Hans Holbein. Parece que nunca conseguimos encarar a morte de frente. Se olharem a partir da margem direita, a imagem confusa que se vê embaixo, no centro, dissimulada por meio daquele jogo óptico que é a anamorfose, revelar-se-á como uma caveira. Há mais de quinhentos anos, um sinal de alerta contra a *vanitas*, sempre à espreita. Essa *vanitas* narcisista que, por definição, exclui qualquer registro da angústia.

SIG Revista de Psicanálise v.15 n.2 (2026): Jul.-Dez.

Pensemos na maneira como as representações da morte se transformaram.

Na Viena de Freud — em plena modernidade consolidada — circulavam quase ao mesmo tempo, mas sem se conhecerem, filósofos da estatura de Wittgenstein, músicos como Schönberg, escritores como Musil, arquitetos como Loos, todos revolucionários em seus campos. Naquele lugar, naquela época, além de um jovem pintor medíocre chamado Adolf Hitler, viviam artistas de vanguarda que mais tarde seriam considerados degenerados pelo nazismo: Schiele, Kokoschka, Klimt. Freud não era amante da arte de seu tempo e certamente nunca se encontraram, mas vejam o que eles pintavam: representações do *memento mori* naquela modernidade sólida[3].

Então tudo começou a derreter[4].

Não lhes parece que há algo diferente aqui? Assustador, se assim se quiser; nem mesmo os mortos estarão seguros — como dizia Walter Benjamin —, nem seus ossos em paz. Hoje vivemos uma época de histórias quebradas, cristalizadas à maneira de pictogramas fixos, desancoradas de um relato que dê sentido a uma vida. Com sorte, nos deparamos com esboços inconsistentes, maleáveis.

Nosso trabalho, na clínica cotidiana, é interrogar essas histórias que aparecem no corpo, nas relações, no mundo. Mas nos deparamos com uma dificuldade que aumenta a cada dia, e os vinte anos que se passaram desde o evento inaugural de *Sig* não fizeram senão tornar ainda mais pronunciada essa perda, esse declínio insidioso em uma certa estagnação, em um silêncio crescente, na diluição da angústia enquanto motor do movimento psíquico.

O psicanalista, que nasceu identificado a um arqueólogo na imaginação de Freud, a Schliemann, o descobridor de Troia, hoje deve trabalhar mais como um antropólogo forense que resgata restos ósseos do desastre, do que não tem nome.

Vejam como a representação da *vanitas* vem mudando, perdendo forma, se liquefazendo. Mesmo quando pode ter versões supostamente sólidas, como as de Gabriel Orozco[5] ou Damien Hirst[6], trata-se de uma solidez fictícia, apenas de uma ironia. Em Orozco, na partida de xadrez que jogamos com a morte, como no filme *O Sétimo Selo*, onde sempre se perde contra o Senhor absoluto. Mas aqui cada um, além de ser jogador e peça, torna-se tabuleiro, playground, aquele lugar — como a arena analítica — onde tudo se joga.

Em Hirst, a *vanitas* se contradiz ao aparecer luxuosa, esculpida em platina e revestida de diamantes. Moldada a partir de um crânio real, seus dentes são os do modelo, um homem do século XVIII. Por aqui, na América Latina, também tínhamos o nosso. Em crânios astecas, Hirst encontrou a inspiração.

Mas observem especialmente esta representação, de uma dupla chamada Mondongo[7]. Suas obras valem milhões, e eles trabalham com elementos perecíveis, orgânicos, a antítese de Damien Hirst. Há uma série que retrata muito bem a nossa época, feita em plasticina. Ela mostra uma época em que é possível pensar em uma negação radical da morte, não mais com as desculpas e promessas da religião, mas com as da IA, da clonagem e do avanço brutal da ciência.

---

[3] Referência de imagens: *Still-Life with a Skull* (1671) de Philippe de Champaigne; *Pirâmide de Crânios* (1901) de Paul Cézanne; *Esqueletos Lutando por um Arenque* (1891) de James Ensor; e *Morte e Vida* (1916) de Gustav Klimt.

[4] Referência de imagens: *Skulls* (1976) de Andy Warhol; *Head* (1983/2001) de Jean-Michel Basquiat; *Very Hungry God* (2006) de Subodh Gupta; *Eternal Bloom* (2022) de Gary James McQueen; *Aujourd'hui Rose* (2005) de Cecily Brown; e *Migrane* (2004) de Jake e Dinos Chapman.

[5] Referência de imagem: *Black Kites* (1997) de Gabriel Orozco.

[6] Referência de imagem: *For the Love of God* (2007) de Damien Hirst.

[7] Referência de imagem: *Calavera 8* (2012) e *Calavera 4* (2009) de Coletivo de Arte Argentino Mondongo.

Em nossa época, a espécie humana flerta ao mesmo tempo com a autodestruição e a imortalidade. O inconsciente torna-se maleável, mas também inconsistente. Imaginem seu contraste com as pesadas paredes de metal da instalação de Serra e sua dureza implacável. Esta série de Mondongo mostra bem o inconsciente de plasticina, esse inconsciente que é sempre o discurso do Outro em nós e, como tal, permeável à cultura, ao zeitgeist.

O interessante é que, quando se aproxima o olhar, cada detalhe da obra é uma história, pelo menos uma história em potencial, porque nosso tempo é de histórias paradas, retidas, interrompidas. Não são histórias como as que apareciam no corpo daquele personagem de Bradbury, *O Homem Ilustrado*, um sujeito cheio de tatuagens, no qual cada tatuagem, quando questionada, entrava em movimento, dando origem a uma história distinta. Aqui, na obra de Mondongo e em nosso tempo, aparece mais o que há de fragmentado na história, como dizia De Certeau, que é também o que surge nas análises contemporâneas e nos obriga a nos tornarmos antropólogos forenses.

IV

Se a angústia não aparece mais, na clínica ou na vida cotidiana, é por um movimento duplo: por um lado, ela é acalmada farmacologicamente. A mesma cultura responsável pela angústia fornece as substâncias que a acalmam. Pensem, cada um de vocês, em qual família não tem um benzodiazepínico no armário de remédios de casa. Uma característica da cultura ocidental, da vertigem contemporânea em que, se não estamos ociosos, estamos sobrecarregados, é que os psicofármacos parecem não ser opcionais. Tomam-se comprimidos para dormir ou para sentir desejo, para manter uma ereção ou para deixar de comer. Não há espaço vazio que se sustente como tal: a angústia prévia ao surto bulímico, a angústia diante do encontro com o Outro sexualizado, a angústia que surge nas noites após a agitação diária, nada disso pode ter lugar. Nós a reprimimos quase antes que ela apareça.

E tudo o que é produzido pela maquinaria capitalista — objetos ou imagens — está destinado a diluí-la, apagá-la, fazê-la desaparecer.

Em um mundo onde o sexo parece não ser mais um tabu, excluímos o amor da conversa, mas, ao excluir o amor, excluímos também a função que o amor tem, que é a de velar imaginariamente o vazio, a Castração, a fonte da angústia.

Por isso a psicanálise, esse estranho ofício ao qual nos dedicamos, mesmo tendo prosperado fundamentalmente no Ocidente capitalista, é, na verdade, seu reverso, ocupa-se dos restos que o capitalismo descarta e que nos maravilham. Nesse sentido, nós, psicanalistas, somos necrófagos, caçadores de restos.

Por isso não existe análise sem angústia e não há paciente menos interessante para um analista do que aquele que não é capaz de angustiar-se; por isso, quando a angústia não está presente, nos esforçamos para fazê-la surgir. Também, claro, para modulá-la, inclusive às vezes para resolvê-la, mas sempre passando por ela, não a evitando.

Nesta ultramodernidade gasosa, quando tudo o que é sólido se evapora no ar, o que resta é a angústia. O que permanece é a angústia, essa borda refratária às palavras.

Às vezes, levamos anos para abrir espaço para uma perda, para o que resta, em dois sentidos: tanto no sentido do que permanece, o que se destila de uma análise, quanto no sentido do que falta, o que se retira ao desintegrar qualquer ideal imaginário.

V

Todos conhecemos a experiência da angústia. Como lidamos com ela? O discurso capitalista, que ordena nosso mundo, lida com a angústia reprimindo-a ou obstruindo-a com objetos artificiais. Mas também podemos detalhar a maneira como a angústia é "tratada" em cada estrutura clínica.

O fato de tentarmos descrever a época — ontem, com Joel e Vladimir, tivemos uma excelente demonstração disso — para compreender melhor a angústia hoje não significa que ela se manifeste de maneira homogênea: tudo na psicanálise é caso a caso. A psicanálise, bem conduzida, quando não transformamos nossos divãs em leitos de Procusto, é um reduto da singularidade, um dos poucos espaços contemporâneos onde a abordagem é verdadeiramente individual, não à maneira *falsa* do marketing digital, aquela que nos faz ver o tempo todo anúncios e conteúdos "personalizados" em nossas redes sociais. Mas, assim como há marcas epocais, também há marcas estruturais. Claramente, a angústia se manifesta de maneira diferente na neurose, na psicose ou na perversão.

A perversão sempre se livra da angústia — a começar pela angústia de castração, e daí em diante de qualquer outra — colocando-a do lado de fora, no outro. O seu domínio é o desafio e a transgressão. É o outro que se divide, que se angustia diante do abuso sexual, do exibicionismo ou mesmo das artes da manipulação nas quais o perverso é tão versado. Ao ser transformado em peça de um roteiro perverso, geralmente o neurótico — costuma ser o parceiro neurótico que se divide e se angustia — paga caro pela fascinação que sente pela perversão e pela maneira como ela alegremente se livra da angústia.

Não há muitos casos clínicos disso, pois os verdadeiros perversos, e não aqueles que têm apenas traços de perversão, mantêm-se afastados de nossos consultórios. De qualquer forma, cabe a nós atender suas vítimas, quando não nos tornamos diretamente vítimas. Foi o que aconteceu em um caso relatado por Joël Dor, em que um psicanalista aparece como vítima de uma intriga perversa.

Aconteceu assim: um homem de 40 anos o consulta e — revelando-se um perverso — transforma o analista em testemunha privilegiada de mil e uma baixezas, uma mais inquietante e escandalosa que a outra. O analista, homem mais velho e experiente, retém elementos tão repetitivos quanto intrigantes. O "paciente" consegue captar a curiosidade do analista para lhe oferecer mais e mais detalhes, dosando a intriga, narrando situações ilegais, mentiras, escândalos… um mais inconfessável que o outro. Uma libertinagem criminosa e sexual que não conhecia limites. O analista, testemunha auditiva e cúmplice involuntário de transgressões como roubos, fraudes e violações, chega a se colocar, graças ao seu silêncio, na posição jurídica de cúmplice involuntário. Evidentemente, o gozo do paciente, atuado na transferência, é brutal, e ele detectou a maneira como seu analista está capturado. Ao mesmo tempo, o analista mantém o tratamento, imperturbável.

E o paciente decide então aumentar a aposta.

Começa uma reviravolta inesperada na análise, e ele introduz o relato de seus amores perversos, com um nível de detalhe na descrição de cenas sexuais que beira o insuportável de se ouvir. Nessas cenas, os protagonistas começam a se repetir, entregando-se a excessos, um mais perigoso que o outro, em desafio aberto a esse limite irreversível: a morte.

No final, o analista permanecia imperturbável, mas o perverso se preparava para disparar sua última bala. Dominado pelos excessos de seu próprio gozo e por um certo mal-estar aparente, o paciente implora que o analista o ajude a se desligar dele, e o analista, já preso na armadilha, cede e passa a ser diretivo.

Então, o paciente se revela sob uma luz assustadora, revelando sutilmente a identidade autêntica dos protagonistas de suas narrativas, entre eles personalidades conhecidas.

Após um ano e meio de "tratamento", intuindo já que o analista está maduro para uma última confidência, o perverso, antes de desaparecer do consultório, revela a identidade de uma de suas parceiras sexuais mais depravadas, que não era outra senão a filha do analista.

A psicose apresenta desafios únicos, pois ali a angústia torna-se radical, absoluta, existencial, não no sentido da indagação sobre o sentido da vida — indagação neurótica, afinal —, mas sobre a própria vida. A indagação não é sobre "quem sou?", mas apenas "sou?", "existo?". E as respostas a essa indagação pressupõem uma angústia devastadora.

Colette Soler trabalhou sobre as formas como o psicótico "lida" com sua angústia. Uma delas é o delírio. Outra é a evitação, e, por isso, às vezes devemos ser extremamente prudentes com os psicóticos, sem empurrá-los além de seus limites. Outra forma, por via do real, pode implicar uma passagem ao ato potencialmente perigosa. A melhor forma de tratamento, claro, é a via da criação.

O tratamento da angústia pela via do desejo, aquilo em que nos concentramos com os neuróticos, permanece inacessível para um psicótico.

É no terreno da neurose que nós, psicanalistas, temos mais possibilidades.

Entre os neuróticos, com as variações do caso, com a perda do valor da angústia enquanto fonte de propulsão, às vezes surge a angústia não diante do que falta, mas diante da possibilidade de que falte a falta, diante da possibilidade de ser absorvido, engolido pelo Outro.

Um analista poderia traçar, a cada momento, um mapa de sua clínica à maneira de um mapa do céu, situando cada analisante em relação à angústia, quão longe ou quão perto ele está desse buraco em torno do qual orbita, como os planetas orbitam em torno de uma estrela. Só que aqui, no lugar da estrela, há um buraco negro.

Lá, a angústia do analisante, quando surge, torna-se carta de navegação, uma que se constrói enquanto navegamos juntos às cegas, e na qual a angústia não é apenas mapa, mas também bússola. A angústia do analista que também, quando surge, precisa ser incluída nesse mapa marítimo.

Nós, analistas, temos uma espécie de contador Geiger para a angústia: à medida que, no trabalho com cada analisando, nos aproximamos de certas zonas, ele começa a emitir um som agudo e crescente. Se pararmos, ele se estabiliza; se recuarmos, diminui; se avançarmos, o som intimidante renova-se, avançando conosco. Assim que ficamos parados sobre sua fonte, sua estridência nos oprime. Somente se conseguirmos permanecer ali por um bom tempo é que ela começa, lentamente, a ceder.

Na angústia, trata-se justamente de algo que transborda, que escapa às palavras, na medida em que remete ao não significante, ao resto, ao objeto enquanto perdido.

Qual é o sujeito *princeps* da angústia? Sem dúvida, é aquele sujeito crítico, neurótico, freudiano, que a pós-modernidade líquida varria e que, nesta ultramodernidade gasosa, nos empenhamos em resgatar. Esse é o sujeito que tentamos produzir e alojar em nosso dispositivo quando alguém nos consulta. Às vezes, o resultado de uma boa análise é ter construído um sujeito freudiano.

Sigamos as definições que os pacientes dão da angústia, a maneira como tentam nomear aquilo que resiste a ser nomeado por completo.

Começo por uma forma de angústia que se mostrou irredutível. Alguém que, na primeira consulta, que realiza porque sua esposa está prestes a deixá-lo, me conta uma situação que não foi fácil de ouvir. Anos atrás, em um acidente de carro em que ele dirigia, faleceu toda a sua "primeira família": sua esposa grávida, sua irmã e dois filhos pequenos. Só ele sobreviveu. A partir desse momento, ao qual se somaram pouco tempo depois outras perdas inevitavelmente ligadas ao acidente, é difícil conceber como a vida pode continuar. Ele odeia que tenham pena dele diante de um fato que permeia tudo o que diz e que, como esclarece com precisão, "não tem nome".

O paciente se organizou a partir de um certo misticismo e de um ideal de dureza que abala sua vida atual e, por isso, ele procura ajuda. Diante de uma perda tão brutal, eu tinha dúvidas de que uma eventual análise pudesse ajudá-lo mais do que a resposta mística que ele havia inventado para sobreviver, mas pela qual pagava um preço alto. A angústia que estava em jogo nesse caso era uma angústia difícil de reduzir a palavras por nenhum dos dois.

Lembrei-me de um filme de Nanni Moretti que talvez fale dessa mesma angústia, *O Quarto do Filho*. Lembro-me de tê-lo assistido sozinho em casa, com meus filhos ainda pequenos brincando por ali, completamente arrasado. Mais do que apreciá-lo, assisti-lo parecia um exercício de masoquismo da minha parte. A angústia me inundava pela distância quase inexistente, por ser eu analista, em relação ao protagonista do filme. Essa perda que o filme mostrava, a de um filho, a mais terrível de todas as imagináveis, é uma perda impossível de simbolizar. Nem mesmo existem palavras para fazê-lo: um filho que perde um pai é um órfão, uma mulher que perde o marido é uma viúva. Não há palavras para nomear alguém que perde um filho, e o luto se torna impossível.

Jean Allouch, um psicanalista francês, a partir da perda de sua filha, escreveu um livro propondo modificar a teoria do luto. Ele se rebelava contra essa ideia freudiana de que um objeto, após o trabalho de luto, poderia se tornar substituível por outro.

Uma teoria também pode ser uma forma de tratamento da angústia.

Um paciente falava com bastante precisão de duas angústias. Uma, à qual ele batizou com perspicácia de "a flecha", surgia nos momentos em que ele desistia de seu desejo, quando chegava ao ponto em que sua vida lhe parecia uma ilusão, como um afastamento perpétuo daquilo que ansiava. A flecha aparecia cravando-se em sua carne, causando-lhe dor, mas também indicando um caminho. Seguimos esse caminho por bastante tempo e o paciente, já fora de seu cativeiro no desejo materno, aproximou-se de certa atividade profissional ligada à de seu pai.

Uma vez lá — levamos anos para chegar lá —, a angústia que surgiu não era mais a flecha, incisiva e indicadora, mas outra angústia em que o paciente descrevia que lhe "sobrava ar". Era uma angústia que não encontrava sua razão na capitulação diante do desejo (que a angústia/flecha indicava), mas no não saber o que fazer diante do objeto desse desejo.

De certa forma, essas duas modalidades de angústia remetiam a duas situações diferentes. Por um lado, à falta, quando lhe escapava, com as distrações típicas da neurose obsessiva, aquilo que mais ansiava. A outra, um passo além, surgia diante da falta da falta. Poderíamos dizer, brincando um pouco, que a primeira era uma angústia freudiana, enquanto a segunda era lacaniana.

Poderíamos traçar um arco que partiria do grau zero da angústia: a angústia que brilha por sua ausência, típica em sujeitos desta ultramodernidade gasosa, alheios ao conflito, planos, verdadeiros mutantes com os quais às vezes não sabemos bem o que fazer.

O arco terminaria na presença extrema, arrasadora da angústia, que torna impossível capturá-la com palavras. No meio, poderíamos esboçar uma cartografia da angústia, descrever sua topografia, inclusive sua geologia, sempre em torno de um ponto — talvez o ponto próximo do qual o analista deva se situar em sua função — onde se toca o indizível.

Deveríamos fabricar teoricamente um sonar para a angústia, localizar a cada momento o ponto exato em que nos encontramos em relação a ela. Muitas vezes, uma supervisão é um momento propício para traçar as coordenadas desse mapa teórico que orienta a clínica, sempre precário, sempre a posteriori.

Cheguei a Porto Alegre, depois de passar alguns dias em casa, após uma longa viagem do outro lado do mundo. De lá, consegui atender um paciente que precisava de ajuda, pois estava passando por — essa palavra é fundamental, pois a angústia é algo que se atravessa, implica uma travessia — uma separação.

Esse analisante, com quem trabalho há vinte anos de forma intermitente, embora constante, e que não tem nada a ver com o meio analítico, possui uma permeabilidade surpreendente ao inconsciente. Ele construiu uma carreira notável e, ao mesmo tempo, transformou sua análise em laboratório de ideias e refúgio, em oficina e ágora, e provavelmente eu desfruto de nossa conversa tanto quanto ele. Nesse sentido, ele não é um paciente típico dos nossos tempos, mas sim um tanto anacrônico, embora não seja o único.

Da última vez que conversamos, há alguns dias, ele conseguiu chorar, algo que raramente se permite, angustiado a tal ponto que nada, nem mesmo conquistas muito almejadas, diminuía sua sensação de perda. Ele me enviou depois um texto que havia escrito anos atrás, numa época em que não trabalhávamos juntos, mas em que a análise continuava funcionando nele, só que encarnada em oráculos distintos. O texto era sobre um momento de intensa angústia, e ele o enviou em outro momento de intensa angústia. Nele, ele unia quatro situações: um encontro sexual muito satisfatório, mas do qual acorda angustiado; a notícia da morte de um parente querido; um sonho; e uma conversa em que um amigo — como se fosse o analista que ele não tinha naquele momento — lhe permitia descobrir-se no que havia sonhado.

Vinte anos de análise foram de grande utilidade para esse paciente; no entanto, não há prevenção para a angústia, não há análise que possa prometer evitá-la, pois não há análise que possa remediar as perdas a que a vida nos expõe. O que a análise pode oferecer é um espaço de fala que, uma vez iniciado, nem sequer precisa da presença de um analista (na verdade, o que o paciente havia escrito, que testemunhava uma forma de lidar com sua angústia, a partir de um diálogo quase transferencial com outra pessoa, no decorrer do qual ele descobria significados surpreendentes em seu sonho, com um efeito libertador, ele nem mesmo havia feito isso enquanto estava em análise comigo).

Não é pouca coisa, diante do que a existência humana implica em termos de perda, ter um espaço onde pelo menos se possa falar sobre isso.

A maneira de lidar com a angústia inevitável — não me refiro apenas àquela que adquire densidade clínica, mas também à angústia como forma e efeito extremo do mal-estar na cultura — é torná-la verbalizável. Fazer com que aquilo que resiste às palavras entre no cerco onde, pelo menos, possamos contornar com palavras o vazio, nas palavras de Pontalis, esse buraco refratário ao simbólico.

A maneira como nossa espécie tem realizado essa tarefa, desde o início dos tempos, é por meio de histórias. A arte e as histórias fazem parte do DNA de nossa espécie há milênios. A primeira arte foi a arte funerária; contamos histórias desde Gilgamesh, e as tragédias gregas ou o próprio relato bíblico são livros de História e de histórias. São nossos antídotos, uma forma privilegiada de combater a morte.

Lidamos, então, com a angústia da melhor maneira possível. Contamos fundamentalmente com palavras, imagens e rituais.

Os rituais de luto, por exemplo, fundamentais para processar coletivamente a angústia, tendem a desaparecer, o que nos deixa expostos a uma angústia ainda mais atroz. De certa forma, uma análise é um ritual laico que oferecemos, em uma época que enfrenta uma crescente desritualização.

Criamos imagens como as das *vanitas* que lhes mostrava, ou o filme de Nanni Moretti, que mal consegue se sustentar como tela diante do insuportável, para velá-lo.

SIG Revista de Psicanálise v.15 n.2 (2026): Jul.-Dez.

Palavras como as que convocamos em um encontro analítico. Ou as do relato teórico que Allouch teve de fabricar diante de seu luto impossível. Ou estas mesmas que ensaiamos entre todos neste encontro.

Nestes dias, enquanto terminava de escrever estas notas, aberto ao acaso do imprevisto, como lhes dizia no início, encontrei este livro de Sophie Calle, recém-publicado em espanhol, uma verdadeira lição para nós, analistas.

Depois de ser abandonada por um parceiro, a artista começa a escrever um diário, dia após dia, sobre essa dor. Ao mesmo tempo, ela pergunta a muitas pessoas, próximas ou em encontros casuais, sobre sua maior dor. E escreve e publica ambas as coisas: seu diário e os relatos das dores alheias. O que ela escreve vai se transformando graças ao trabalho de escrita e ao contraste, e a desolação absoluta se torna algo administrável. “Em três meses”, diz ela, “eu estava curada”.

A angústia é algo a ser atravessado. Assim como a gigantesca instalação de Richard Serra no Guggenheim, onde nos perdemos em um labirinto, onde a perspectiva parece distorcida, onde nos debruçamos sobre a escuridão e tanto o tempo quanto o espaço se deslocam. E tudo isso sem rede de segurança. Diante do vazio.